

---

## COMO CONTAR A NOSSA HISTÓRIA? UMA ANÁLISE DE FOTOGRAFIAS DE TRÊS ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE TORRES/RS NAS DÉCADAS DE 60 E 70 (séc. XX)

### HOW TO TELL OUR HISTORY? AN ANALYSIS OF THREE PUBLIC SCHOOLS' PHOTOGRAPHIES IN THE CITY OF TORRES/RS ON THE 60'S AND THE 70'S (20th CENTURY)

---

Camila Eberhardt  
Mestre em História - PUCRS  
[camilaeberhardt@hotmail.com](mailto:camilaeberhardt@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo pretende analisar imagens fotográficas de três instituições de ensino públicas do Município de Torres/RS: o Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Justino Alberto Tietboehl e a Escola Estadual Governador Jorge Lacerda. Tendo em vista as inúmeras possibilidades de estudo provenientes da fotografia, objetiva-se identificar quais foram os usos e as funções que as fotografias tinham para essas instituições de ensino. Para tanto, realizou-se um recorte temporal, que compreendeu as décadas de 60 e 70 (séc. XX), período em que as fotografias foram catalogadas de acordo com categorias temáticas, entre as quais, evidenciou-se a grande presença de “desfiles cívicos”. Para auxiliar na análise, recorreu-se a alguns autores que teorizam sobre imagem fotográfica, dentre os quais se destacam: Menezes, Mauad, Sontag e Kossoy. Para compreender o universo em que as imagens foram produzidas, foi fundamental o auxílio de autores como: Magalhães, Bencostta e Veiga.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia. Escola. Desfiles cívicos.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze images of three public educational institutions of the Torres city / RS. The State Institute of Education Marcílio Dias, the State School of Basic Education Teacher Justin Alberto Tietboehl and State School Governor Jorge Lacerda. Given the numerous possibilities of studies from photography, we aim to identify the uses and functions that photographs have for these educational institutions. Therefore, there was a time frame, which comprises the decades from 60 and 70 (20<sup>th</sup> century), in which the photographs were cataloged according to thematic categories, among which highlights the large presence of “civic parades”. To assist the analysis resorted to some authors who work with the photographic image, among which stand out Ulpiano Menezes, Ana Maria Mauad, Susan Sontag, Boris Kossoy. To understand the universe in which images are produced outside the aid of key authors such as Justino Magalhães, Marcus Levy Bencostta and Cynthia Greive Veiga.

**KEYWORDS:** Photography. School. Civic parades.

## Introdução

“Por que motivo há imagem em vez do nada?” (DEBRAY, 1993).

O questionamento realizado por Debray propôs uma reflexão que é muito pertinente ainda nos dias atuais, porque faz observar a contínua utilização da imagem pelos homens, fazendo dela um instrumento de grande importância para as sociedades ao longo da história. Tão logo se desenvolveram suportes técnicos para a produção e reprodução da imagem, o homem passou a utilizá-la com grande frequência em seu cotidiano.

Portanto, o presente artigo pretende analisar um conjunto de imagens fotográficas de três instituições de ensino públicas do Município de Torres, Estado do Rio Grande do Sul. São elas: o Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias (1922), a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Justino Alberto Tietboehl (1960) e a Escola Estadual Governador Jorge Lacerda (1959).

O recorte temporal utilizado compreende as décadas de 60 e 70 (século recém-findo), período esse escolhido tendo em vista que abrange o funcionamento dessas escolas. A análise se concentrou sobre um total de 446 fotografias, que fazem parte do acervo daquelas instituições escolares e que contemplam o recorte temporal selecionado.

Para este artigo foram identificados padrões e categorias temáticas nas fotografias. Assim, se objetivou identificar, nessas imagens fotográficas, quais os usos e as funções que as mesmas tiveram (e ainda têm) para as instituições, bem como pensar o porquê do registro fotográfico para essas escolas.

Nesse processo, a história da educação dessas escolas é contada, reconstruída por meio de fotografias, mas que utiliza também registros da instituição, documentos, etc. Uma história por meio de discursos próprios, autônomos que colaboram na constituição da história dessas escolas de Torres/RS.

Cambi descreve que:

a história da educação é, hoje, um repositório de muitas histórias, dialeticamente interligadas e interagentes, reunidas pelo objeto complexo “educação”, embora colocado sob óticas diversas e diferenciadas na sua fenomenologia. Não só: também os métodos (as óticas, por assim dizer) têm características preliminarmente diferenciadas, de maneira a dar a cada âmbito de investigação a sua autonomia/especificidade, a reconhecê-lo como um “território” da investigação histórica. (1999, p. 29).

A partir desse suporte, parte-se para reflexões acerca da fotografia e de sua utilidade na sociedade e na educação.

## **Representações imagéticas da educação**

Tendo em vista a importância que a imagem tem para os homens, é preciso citar Debray (1993), que relatou que a imagem foi utilizada pelos homens para diversas funções e adquiriu muitos significados, que mudaram ao longo do tempo. Primeiramente, possuía um sentido mágico e, depois, criou seus próprios estatutos, sendo considerada como arte e, por fim, com o domínio da imagem na esfera visual, fomos contemplados com a fotografia.

Mirzoeff (2000), um nome de referência na área da cultura visual, escreveu que essas imagens não fazem apenas parte da vida cotidiana, pois foi a vida cotidiana que passou a ser mediada pela imagem. Portanto, as fotografias fazem parte de um universo visual. Desse modo, o desenvolvimento da técnica fotográfica respondeu à demanda da sociedade, que sempre buscou esse recurso, como destaca Francastel: “Nenhuma inovação é feita de absoluta criação” (1982, p. 84). Atualmente, a fotografia conquistou um grande espaço nas interações e vivências de todas as sociedades.

Essa prática se firmou no século XIX, com a descoberta da técnica conhecida como “daguerreótipo”, em 1839, por Niépce e Daguerre. A técnica permitia o registro em positivo de uma cena e possibilitava a fixação de imagem latente em uma superfície sólida. Depois de ter sido desenvolvida a técnica, em fins do século XIX, a fotografia consolidou-se como a forma mais exata de representação da realidade (DUBOIS, 1993).

Amar coloca que historicamente foi Henri Fox Talbot, em 1841, o inventor do que se conhece hoje por fotografia moderna, ou seja, “o negativo-positivo, que, aliás, designa, dessa maneira, a revelação da imagem latente e a possibilidade de reproduzir as imagens” (2001, p. 23). Isso permitiu que a mesma fosse reproduzida em larga escala, com custos mais reduzidos, tornando-se acessível a outros segmentos da sociedade.

Segundo Fabris:

o “efeito Disderi” não pode ser dissociado de uma análise da função social do retrato na sociedade oitocentista. Se, no século XIX, o retrato pictórico começa a ser questionado como gênero em função das transformações profundas pelas quais passa a arte moderna, não se pode, porém, esquecer

que esse mesmo século conhece um desenvolvimento extraordinário da representação e da auto-representação do indivíduo em consequência da crescente necessidade de personalização da burguesia. (2004, p. 29).

Ademais, além da burguesia que encontrou um meio de se representar e criou seus próprios modelos para tanto, com padrões, cenários e poses, houve, com a reprodutibilidade das imagens técnicas, a possibilidade de o próprio proletariado ser fotografado. Devido ao baixo custo e à possibilidade de reprodução, as sociedades passaram a utilizar a fotografia, segundo Barthes (1984), como meio de registro de sua memória, através de álbuns de família (SCHAPOCHNIK, 1999), constituindo uma memória privada de suas vivências pessoais e familiares.

A fotografia, portanto, é moderna, pois nasceu na modernidade (ANDRADE, 2002), lembrando que a imagem fotográfica surgiu junto com outras inovações no século XIX e início do século XX. Monteiro salienta que:

a partir do século XX, a fotografia vai tomar o seu lugar nesse mundo das imagens, ao qual vem alterar de forma radical no contexto da Revolução Industrial ou Revolução Técnico-Científica. Por um lado, a fotografia veio responder a uma demanda crescente de imagens e de autorrepresentação da burguesia em ascensão, buscando uma forma de fabricar imagens de forma rápida e consideradas fiéis ao seu referente. De outro, o dramático processo de urbanização criou a necessidade de controlar e disciplinar um contingente diversificado de sujeitos em uma sociedade de massas, criando a foto-identificação. (2012, p. 11).

As imagens fotográficas, atualmente, não circulam somente em ambientes privados, mas devido ao seu caráter técnico (FLUSSER, 2002), passaram a ser utilizadas com grande ênfase pelos governos e instituições de caráter público. Em vista disso, Kossoy (2005) destaca que as fotografias devem ser analisadas com metodologias adequadas, pois a imagem é sempre uma “representação resultante do *processo de criação/construção* do fotógrafo” (p. 31). E, nesse processo de construção, é importante observar que existe na:

imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e circulação. (KOSSOY, 2002, p. 31).

Assim, diversas instituições públicas passaram a registrar suas atividades por meio dessa técnica fotográfica, e, dentre essas instituições, destacam-se as de ensino. Para tanto, é pertinente ressaltar que foi na Idade Média, segundo Ariès (2006), que a representação iconográfica e o ensino passaram a se relacionar: “A criança na escola, um tema freqüente e antigo, que remontava ao século XIV e que não mais deixaria de inspirar as cenas de gênero até o século XX” (ARIÈS, 2006, p. 110).

Portanto, o hábito de registrar espaços educacionais já vem de longa data como evidência a Figura 1. E, com a possibilidade de utilizar a fotografia para isso, essa prática se acentuou ainda mais no decorrer do século XX.



Fonte: Museu Europeu do Estudante / <<http://www.archivistorico.unibo.it/>><sup>1</sup>  
**Figura 1** – Miniatura do século XV que representa estudantes alemães na Universidade de Bolonha: recém-chegados jurando perante os magistrados do país o respeito aos estatutos

Nesse viés, destacaram-se diversas instituições de ensino que realizaram registros fotográficos, pois momentos importantes deveriam ser perenizados para as futuras gerações. Na Europa, muitas universidades utilizaram a câmera fotográfica para registrar sua trajetória. Dentre elas, pode-se destacar a Universidade de Salamanca, que, ao comemorar o seu VIII centenário de fundação em 1888, produziu um álbum que reuniu 21 fotografias que registraram imagens do prédio da instituição (Figura 2), destacando aspectos da arquitetura, que são evidenciados pelo daguerreótipo.

---

<sup>1</sup> O Museu Europeu do Estudante mantém um *link* de acesso no *site* da Universidade de Bolonha: <<http://www.archivistorico.unibo.it/>>, que indica que o museu tem uma página no *Facebook* <<http://www.facebook.com/pages/Meus-Museo-europeo-degli-Studenti/>>, de onde provém a Figura 1.

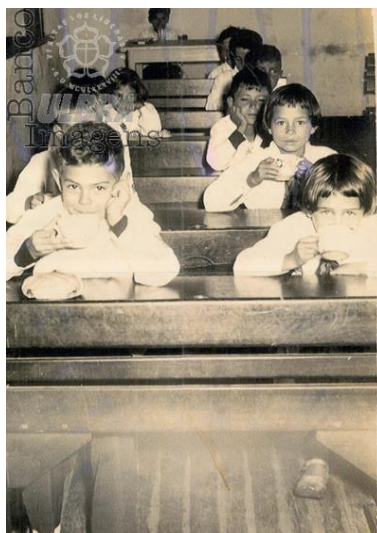
A imagem seguinte faz lembrar que, inicialmente, a captura de imagens de prédios, da arquitetura das cidades e, inclusive de paisagens, foi a primeira opção de registro, devido ao tempo de exposição que demandava para a fixação da imagem. Após o aprimoramento da técnica e a diminuição do tempo de exposição, novas possibilidades de registros tomaram forma.



Fonte: <<http://www.archivistorico.unibo.it/>>  
**Figura 2** – Biblioteca da Universidad de Salamanca

No Brasil, essa modalidade é praticada em muitas escolas. Destaca-se o Colégio Farroupilha na cidade de Porto Alegre/RS, que possui um estimado acervo fotográfico. No Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias, algumas delas datam de 1922, data de fundação da instituição, como ilustra a Figura 3.





Fonte: Banco de Imagens e Sons da Ulbra – Torres/RS.<sup>2</sup>

**Figura 3** – Alunos do Grupo Escolar de Torres (atualmente Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias)

Tendo em vista as possibilidades advindas da nova história cultural com o alargamento das fontes, o estudo de fotografias tornou-se um rico campo de análise da história e da memória das instituições escolares. As fotografias tornam-se lugares de memória de acordo com as concepções de Nora (1985), que propôs distinções entre a memória e a história. Para o autor, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (1985, p. 9), portanto, à história caberia analisar a continuidade temporal e suas respectivas relações com esses espaços do concreto.

Assim, diante do sentimento de que não há mais memória, foram criados substitutos que, frequentemente, podem ser rememorados com o olhar. Desse modo, as fotografias se tornam depositárias de uma memória escolar, e

na medida em que identificadas e analisadas objetivamente e sistematicamente com base em metodologias adequadas, se constituíram em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida. (KOSSOY, 2005, p. 40).

Possamai lembra que a utilização da fotografia pelos historiadores “deixaria, assim, de ser considerada mera duplicação da realidade para ser inserida na construção de sentidos e de significações sociais” (2005, p. 32).

---

<sup>2</sup> O Banco de Imagens e Sons da Ulbra (Torres/RS) possui um acervo com mais de três mil fotografias do Litoral Norte do Rio Grande do Sul e está disponível no endereço eletrônico: <<http://imagensesons.ulbratorres.com.br/>>.

## **Análise das fotografias**

As instituições de ensino que são foco deste estudo têm uma imensa quantidade de fotografias em seus arquivos, haja vista que diversas atividades e situações foram registradas. Atualmente se observa que o número de registros fotográficos que as mesmas realizam aumentou significativamente, o que, na verdade, não significa que tais registros tenham de fato uma função para as instituições, visto que as imagens são armazenadas em arquivos e literalmente esquecidas.

Isso leva a questionar o porquê dessa prática, e, se ela tem acontecido cada vez com mais intensidade, qual seria a função que essas fotografias desempenhariam nas escolas?

Magalhães esclarece que:

o cotidiano de uma instituição educativa é um acúmulo de comunicação, tomada de decisões e de participação, cujas representação e memória apenas em parte ficam vertidas ao escrito, ou traduzidas noutro tipo de registros, mas boa parte das quais se apagam, quer porque se integram em rotinas, que pela sua frequência não constituem um objecto de registro próprio, quer porque se inserem num processo continuado (1999, p. 69).

As reflexões de Magalhães são pertinentes, já que ele entende que os arquivos das instituições de ensino, onde estão armazenadas imagens fotográficas, registram eventos e práticas, que se inserem nesse processo continuado e que permanecem sem merecer as reflexões devidas, como esquecidas.

Considerando os usos e as funções das imagens fotográficas, Knauss (2006) alega que a imagem conota a expressão da diversidade social e da pluralidade humana; o historiador, portanto, quando analisa fotografias, deve avaliar “seus usos, as suas apropriações sociais, as técnicas envolvidas na sua manipulação, a sua importância econômica e a sua necessidade social e cultural” (BARROS, 2004, p. 30).

Para poder responder a essas questões, é importante considerar as concepções de Mauad, que acredita que a análise de fotografias, “de forma crítica, não pode ficar limitada a um simples exemplar” (2005, p. 139), pois trabalhar com séries fotográficas e com a criação de tipologias é imprescindível. Schmitt destaca que nenhuma imagem está isolada, e que a observação delas, em uma série representa a totalidade, pois “o isolamento de uma imagem será sempre arbitrário e incorreto” (2007, p. 41). Na visão de Leite, “uma série de imagens



reunidas ou justapostas podem sugerir aspectos ou ângulos de uma atmosfera ou de um ambiente” (2000, p. 36).

Partindo dessas proposições, foram realizados estudos a partir da composição de séries do material iconográfico, que foi encontrado nas três instituições de ensino selecionadas. Foi desenvolvida uma análise partindo das concepções metodológicas propostas por Lima e Carvalho (1997), a qual buscou a identificação dos descritores icônicos e formais em fotografias.

Portanto, foram identificados, primeiramente, os descritores formais, ou seja, houve a identificação total das imagens, a respectiva análise, a coleta de dados de caráter técnico que deram informações imprescindíveis à pesquisa. Na sequência, foi revista a teoria que concerne aos descritores icônicos, quando foram encontradas temáticas recorrentes e realizadas algumas reflexões.

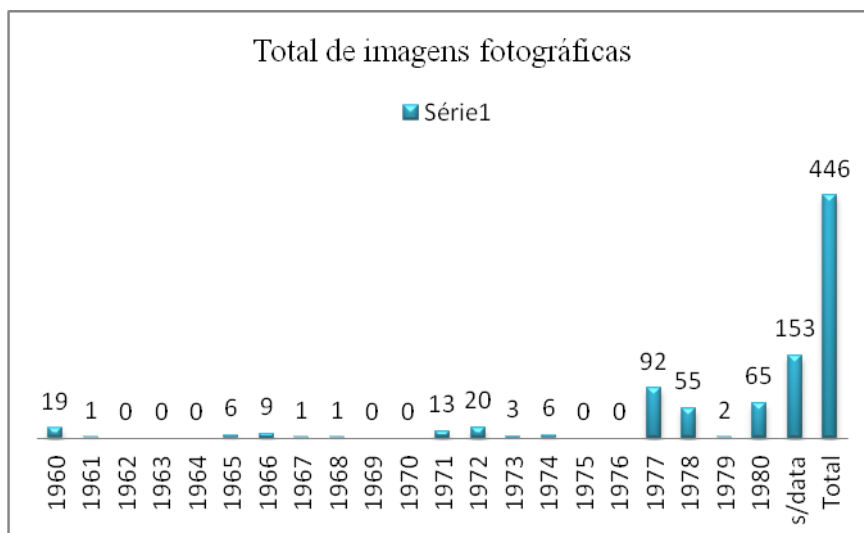
É importante salientar que a proposta metodológica utilizada pretendeu adaptá-la ao *corpus* documental da pesquisa, e os descritores identificados e analisados são o resultado dos elementos encontrados pelas imagens e dos problemas suscitados pelas mesmas.

### **Análise dos descritores formais**

Primeiramente, das 446 fotografias, identificou-se que a grande maioria pertencia ao Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias com 50% das imagens; na sequência, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Justino Alberto Tietboehl com 27%, e, por último, a Escola Estadual Governador Jorge Lacerda com 22% das fotos.

Ainda: averiguou-se a incidência de imagens por ano, que mostrou que não houve registro de imagens fotográficas em determinadas épocas, enquanto em outras o número foi relativamente alto, conforme revela o Gráfico 1. Os índices sugeriram uma dificuldade de acesso à câmera fotográfica e aos altos custos de revelação na década de 60. O gráfico mostra que esse período evidenciou um número menor de registros.

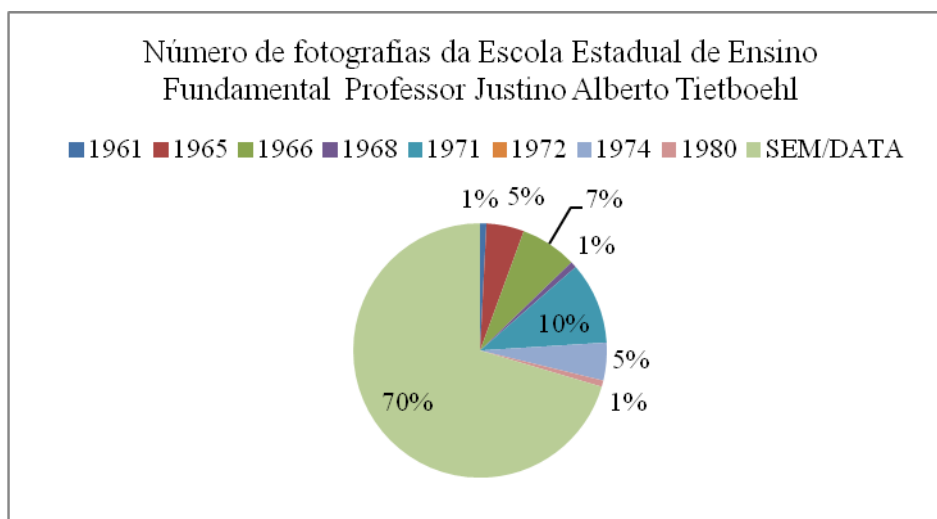
Além da dificuldade de acesso à técnica, é preciso refletir sobre as condições de arquivamento dessas imagens, posto que um grande número de fotografias perdeu-se ao longo do tempo, quer por extravios, quer por professores que ficavam com as imagens que lhes pertenciam, já que contribuíram com a memória, fazendo parte de tais instituições.



Fonte: Elaborado pela autora (2012).

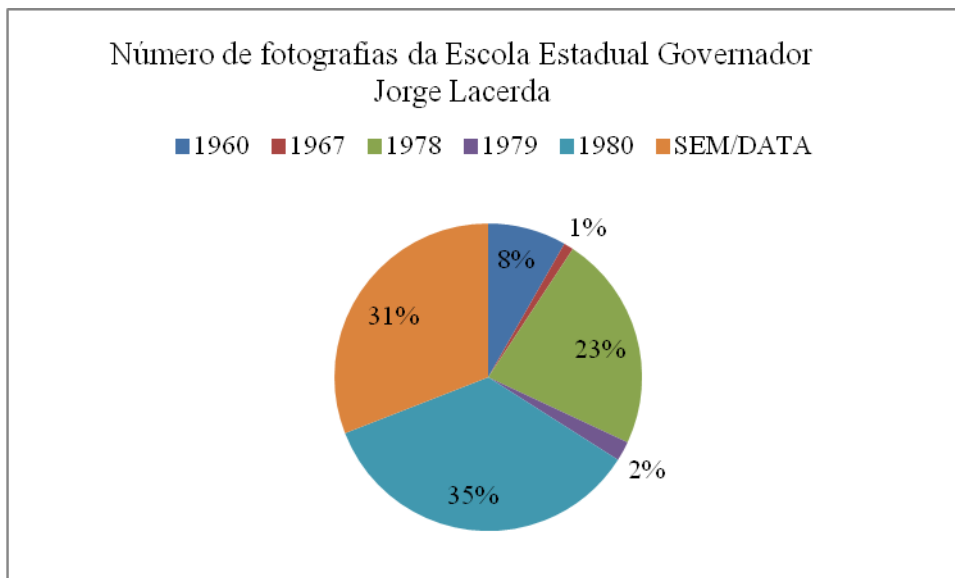
**Gráfico 1** – Total de imagens fotográficas de cada escola

Assim, após ter sido identificado o total de fotografias capturadas em cada ano, passou-se a identificar como tudo ocorreu em cada escola, conforme demonstram os gráficos 2, 3 e 4.



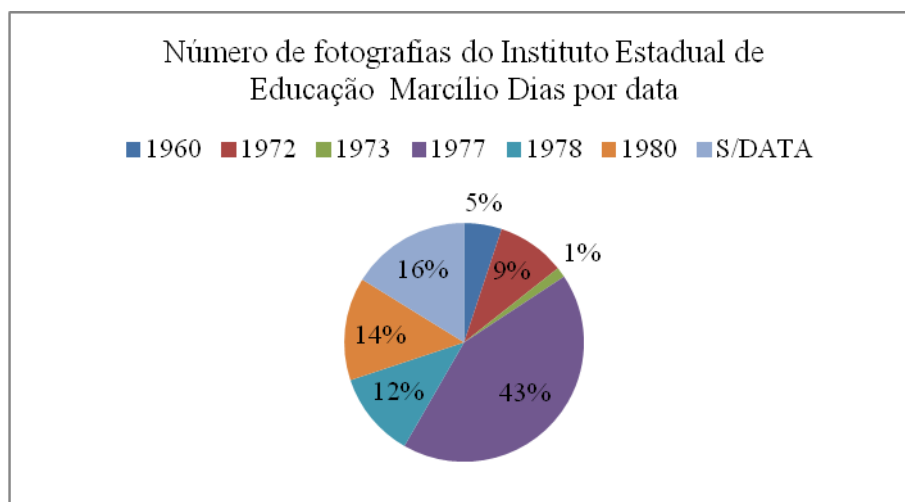
Fonte: Elaborado pela autora (2012).

**Gráfico 2** – Número de fotografias da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Justino Alberto Tietboehl



Fonte: Elaborado pela autora (2012).

**Gráfico 3** – Número de fotografias da Escola Estadual Governador Jorge Lacerda



Fonte: Elaborado pela autora (2012).

**Gráfico 4** – Número de fotografias do Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias

Nessa amostragem, notou-se a grande porcentagem de fotografias que não continha identificação. Em uma das escolas, inclusive, elas eram a grande maioria. Portanto, dentre as 446 fotografias das escolas citadas, um total de 153 (36%) não tinha nenhuma identificação, o que levou a constatar que, apesar de as imagens serem preservadas em arquivos, não há o necessário cuidado de identificar as mesmas; por isso, não contribuem muito para preservar a memória.

Nesse processo, é importante salientar como foram encontradas as fotografias analisadas. As imagens do Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias e da Escola Estadual Governador Jorge Lacerda estavam guardadas em arquivos passivos, denominados “arquivos

mortos” pelos próprios funcionários, ou seja, guardadas sem terem sido tomadas as medidas necessárias para preservação do material.

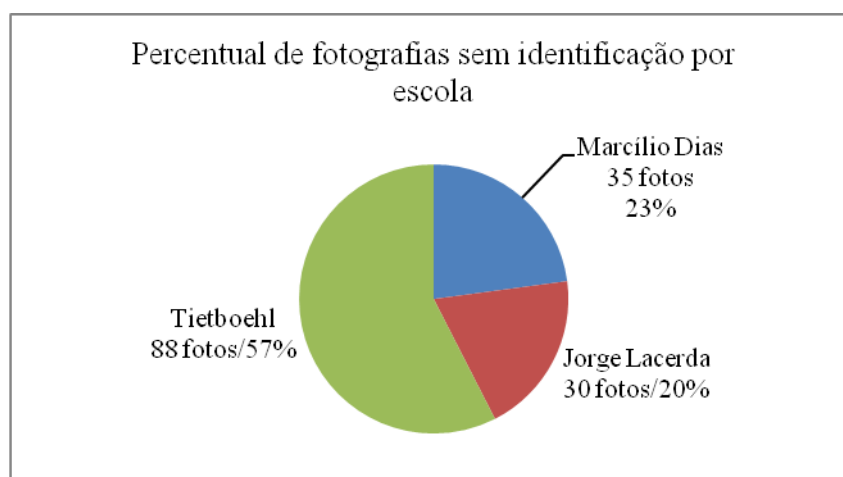
No meio do pó e da sujeira, elas repousam na história, esquecidas pelas instituições. Na terceira escola, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Justino Alberto Tietboehl, as imagens estavam dispostas em dois álbuns guardados na biblioteca, porque a escola comemorou, em 2011, 50 anos de fundação, utilizando o acervo fotográfico para “contar” um pouco de sua história, deixando os álbuns expostos em seu *hall* de entrada.

Quanto à disposição do material, no Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias, as fotografias não estavam guardadas em álbuns, e, nas outras duas, o material foi guardado em álbuns, porém as fotografias não estavam arranjadas segundo a lógica temporal, nem ao menos haviam sido separadas atendendo a uma temática específica.

Rouillé destaca que:

a fotografia-documento, associada ao álbum e ao arquivo, é encarregada da tarefa de ordená-la. Nessa vasta empreitada, a fotografia-documento e o álbum (ou o arquivo) desempenham papéis opostos e complementares: a fotografia fragmenta, o álbum e o arquivo recompõem os conjuntos. Eles ordenam. (2009, p. 101).

A reunião de fotografias em álbuns, ou o seu armazenamento em caixas, permite que se observe que houve a intenção de guardar esse material, mas que, apesar de aparentemente não possuírem uma lógica para quem hoje as observa, elas compõem a intenção das escolas de evidenciar determinados temas e escolhas pessoais dos fotógrafos. Os dados mostraram que, em relação ao número de imagens sem identificação, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Justino Alberto Tietboehl é a que possui o maior índice, de acordo com o Gráfico 5.



Fonte: Elaborado pela autora (2012).

**Gráfico 5** – Percentual de fotografias sem identificação por escola

### Análise dos descritores icônicos

Na sequência, realizou-se a análise das fotografias de acordo com cinco temáticas que foram preestabelecidas, sendo elas: Arquitetura; Atividade em Sala de Aula; Desfiles Cívicos; Passeios; Diversas. Na temática: “Diversas”, foram incluídas distintas atividades que as escolas realizavam: festas comemorativas de alunos e professores, festas típicas, jogos, formaturas, entre outras.

Constatou-se que, nas temáticas abordadas, foi significativa a quantidade de imagens fotográficas que pertenciam à categoria “Desfiles Cívicos”. De acordo com o Quadro 1, essa temática apareceu em grande número de fotografias, em todas as instituições, lembrando que a temática “Diversas” congregou muitas atividades, que não diziam respeito a uma única prática.

Temáticas/ Escolas	Marcílio Dias	Governador Jorge Lacerda	Justino Alberto Tietboehl	Total
Arquitetura	33	5	31	69
Atividades em Sala de Aula	0	4	1	5
Desfiles Cívicos	76	58	36	170
Passeios	33	2	0	35

Diversas	82	28	57	167
Soma total	224	97	125	446

Fonte: Elaborado pela autora (2012).

**Quadro 1** – Temáticas fotográficas nas escolas em estudo

Nessa análise, o Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias foi a instituição que apresentou o maior índice do registro de eventos cívicos (Desfiles Cívicos) em 45% de suas fotografias. A Escola Estadual Governador Jorge Lacerda totalizou 34%, e 21% das fotografias na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Justino Alberto Tietboehl contemplaram a mesma temática.

As imagens que se enquadraram nessa categoria temática fazem com que se aproxime o olhar e que se proponha uma questão: quais são os agentes impulsionadores de tal prática? A análise de imagens deve levar em conta tanto “os motivos iconográficos, [quanto] as relações que constituem sua estrutura e caracterizam os modos de figuração próprios de certa cultura e de certa época” (SCHMITT, 2007, p. 34).

Inicialmente, os dados permitiram que fossem identificados dois eventos cívicos anuais, realizados na cidade de Torres/RS. Desfiles, que *a priori* tinham as mesmas características, pois todas as escolas promoviam, tinham por objetivo comemorações distintas. O primeiro é uma prática recorrente no país e no município de Torres, ou seja, o Desfile de 7 de Setembro. O outro, um desfile em comemoração à Batalha do Riachuelo, que é praticado pelo Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias.

Em relação aos eventos de 7 de Setembro, é importante lembrar que a realização de desfiles e comemorações relativos à Semana da Pátria fazem parte do calendário escolar desde a instauração do Estado Novo, que, por meio de comemorações cívicas, o Estado passou a cultivar, dentro dos estabelecimentos de ensino, uma memória coletiva nacional. Catroga define a memória como sendo “uma das expressões da condição histórica do homem” (2001, p. 66).

Para Kossoy, a “fotografia é memória e com ela se confunde”. (2005, p. 40). A fotografia passou a ser utilizada pelas instituições de ensino, como meio de assentar uma memória cívica no Município de Torres/RS, pois permite suprir as falhas da memória, como atesta Bourdieu (2003, p. 52).

Dessa forma, é importante refletir sobre a construção dos eventos cívicos. Veiga destaca que



durante o governo de Getúlio a educação moral e cívica não se apresentou como matéria obrigatória nem do ensino primário nem no secundário, essa formação deveria se fazer de maneira integral na escola: canto orfeônico, clubes patrióticos, festas e paradas cívicas, hasteamento da bandeira, participação dos escolares nos grandes eventos de comemorações de datas históricas e também no ensino de história. (2007, p. 265).

Bencostta também considera que os desfiles dos quais as escolas participam:

são uma construção social que manifesta, em seu espaço, significações e representações que favorecem a composição de uma certa cultura cívica inerente aos seus atores, o que nos facilita entender a identidade que é dada pela compreensão que esse grupo possui acerca do símbolo que justificou a realização do desfile e que registrou de modo duradouro, na memória social, de um sentimento que se propunha ser coletivo pela união dos anseios de seus atores, delimitada em um tempo e espaço histórico. (2004, p. 6).

A respeito do evento em comemoração à Batalha do Riachuelo, o Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias, inicialmente denominada Grupo Escolar da Vila de Torres, passou, em 7 de julho de 1940, por meio de decreto, a se chamar Grupo Escolar Marcílio Dias, em homenagem ao marinheiro que lutou bravamente na Batalha do Riachuelo. Para tanto, durante longo período, a instituição promoveu um desfile cívico para comemorar a data. Do evento, todas as demais instituições de ensino participavam com seus alunos e o corpo docente. Os desfiles contavam, ainda, com a participação de marinheiros do 5º Distrito Naval de Osório/RS (Figura 4).

Assim, se evidencia a razão de esse instituto conservar um número significativo de imagens de desfiles cívicos, sendo, ela mesma, protagonista de um deles. As demais instituições que deles participavam deixavam a anfitriã como responsável pelo registro fotográfico.



Fonte: Acervo do Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias.  
**Figura 4** – Marinheiros do 5º Distrito Naval de Osório em dia de desfile – 1972

Em consequência, é necessário refletir sobre os processos políticos pelos quais passa o Brasil, que compreendem boa parte do recorte temporal em que se analisam as imagens fotográficas. Os dados evidenciam que, durante os 20 anos transcorridos, os eventos de caráter cívico foram privilegiados pela objetiva.

Isso responde, de certa forma, por que o registro fotográfico desses eventos foi feito pelas escolas deste estudo. Havia a necessidade de afirmação de determinadas práticas que eram realizadas, tendo em vista que as instituições públicas se sentiam na obrigação de provar à sociedade e ao governo que estavam cumprindo seus deveres para com a Nação.

É importante o que Menezes (2005) denomina de iconosfera,<sup>3</sup> quando se estuda a imagem fotográfica, ou seja, os espaços do visual (a técnica), o visível (visibilidade/invisibilidade) e a visão (observador), visto que podem ser identificadas, em relação ao espaço do visível, as práticas que privilegiam determinados fatos, em que ficam compreendidas as relações de poder, tornando alguns momentos mais visíveis do que outros.

Menezes salienta que:

O visível (como, naturalmente, o invisível) representa o domínio do poder e do controle, o ver/ser visto, dar-se/não se dar a ver, os objetos de observação obrigatória, assim como os tabus e segredos, as prescrições culturais e sociais e os critérios normativos de ostensão ou discrição – em suma, de visibilidade e invisibilidade. (2005, p. 36).

---

<sup>3</sup> O termo *iconosfera* foi cunhado por Roman Gubern, que o introduziu em 1959, ao tratar das relações do mundo midiático com as linguagens icônicas do cinema e da televisão.

A pesquisa suscita, ainda, reflexões em relação ao acesso à câmera fotográfica. Os arquivos fotográficos de então demonstraram que as fotos que datam da década de 60 do século passado, ostentam a marca do estúdio Feltes<sup>4</sup> (carimbo no verso da fotografia), estúdio de renomada importância na cidade de Torres/RS. Ele foi responsável pelo registro de muitos eventos públicos e privados na cidade.

Além disso, pode se constatar que essas fotografias têm características que nos levam a pensar que o ato de registro fotográfico era realizado por pessoas capacitadas, pois as fotografias comportam características que evidenciam: enquadramento, seleção de cena, luz adequada, etc., evidenciando que foram realizadas por fotógrafo profissional. (VILCHES, 2007).

Já as imagens referentes à década de 70 do mesmo século, revelam outras características, com outras escolhas iconográficas. As cenas, os enquadramentos, a qualidade do que é produzido não apresentam a mesma qualidade das imagens da citada década de 60. É preciso lembrar que, nesse período, o acesso às câmeras fotográficas foi facilitado, o que permitiu que professores das ditas instituições adquirissem suas próprias câmeras e passassem a realizar os registros fotográficos. No Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias, inclusive, alguns aparelhos fotográficos utilizados pelos professores foram preservados.

### **Algumas conclusões**

O estudo com imagens fotográficas constitui uma fonte inesgotável de possibilidades, tendo em vista o caráter polissêmico das imagens. (DEBRAY, 1993). Algumas reflexões foram realizadas a partir de um conjunto de fotografias. Procurou-se esboçar algumas práticas, que revelaram que as instituições procuraram, durante as décadas de 60 e 70 (séc. XX), privilegiar determinados momentos, dentre os quais, os eventos cívicos. Ademais, é preciso ponderar a relação entre essas predileções e o momento político pelo qual o país passava.

O registro de eventos sobre a Semana da Pátria aumentou consideravelmente no fim dos anos 60 (séc. XX), ou seja, no momento em que a ditadura militar brasileira passou a ter uma posição mais fechada, centralizando ações do setor educacional. Elencados esses fatores,

---

<sup>4</sup> O estúdio Feltes foi atuante na cidade de Torres/RS nas décadas de 30 a 70 (séc. XX).

somam-se a esses as características técnicas, em meio à dificuldade de acesso à câmera, denotando maior ênfase a determinados eventos em detrimento de outros.

Portanto, constata-se que a objetiva privilegiava o que para as instituições era importante e possível de registrar. Desse modo, a pesquisa demonstrou, também, a função que atualmente essas fotografias exercem nessas escolas. Em duas das instituições, as fotografias estão guardadas, esquecidas no tempo, num tempo em que a imagem persiste em perdurar, pois, apesar das precárias condições de armazenamento, as imagens mantêm-se preservadas. Outra das escolas referidas utiliza a fotografia como material meramente ilustrativo, ou seja, os usos destinados às imagens mudaram com o passar do tempo.

As fotografias não revelam nada além do que está nelas impresso, registrado no papel, é o observador que deve colocar as perguntas, fazer as questões. Se as instituições escolares não realizam isso, as imagens simplesmente desempenham uma função meramente ilustrativa. Uma posição que deveria ser repensada, pois essas instituições de ensino revelam uma grande dificuldade em trabalhar com a sua história e com a história da educação, especialmente no Município de Torres/RS.

Desse modo, o trabalho com fotografias escolares torna-se atualmente de grande valia, sendo necessário compreender a grande demanda iconográfica que perpassou pelas sociedades ao longo do século XX. Da mesma forma, como a sociedade brasileira fez uso dessas imagens, em diversos espaços de representação, quanto ao seu uso pelas instituições do Estado do Rio Grande do Sul, conforme observado pelas imagens aqui exibidas.

Por fim, este trabalho integrou uma pesquisa mais ampla, que levantou dados, que revelaram que as categorias identificadas necessitam de maiores análises e de aprofundamento. Este estudo não se encerra aqui, porque serve de motivação para outras jornadas de pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAR, Pierre-Jean. *História da fotografia*. Lisboa: Edições 70, 2001.

ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Educ, 2002.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

- BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. São Paulo: Vozes, 2004.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Desfiles patrióticos: cultura cívica nos grupos escolar de Curitiba: 1903-1971*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Un arte medio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.
- CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.
- DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. São Paulo: Papirus, 1993.
- FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.
- FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio De Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história como imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, v. 8, n. 12, p. 99, 2006.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Senac; Hucitec, 2005, p. 31.
- \_\_\_\_\_. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê, 2002.
- LEITE, Mirian Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp, 2000.
- LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1877-1954*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1997.
- MAGALHÃES, Justino P. de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SANFELICE, J. L.; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. (Org.). *História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas: HISTEDBR/ Autores Associados, 1999, p. 69.
- MAUAD, Ana Maria. *Na mira do olhar engajado: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX*. São Paulo: Museu Paulista, 2005. v. 13.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; NOVAES, S. C. (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2005.

MIRZOEFF, Nicholas. *An introduction to visual culture*. London; New York: Routledge, 2000.

MONTEIRO, Charles. *Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*, São Paulo, 1985.

POSSAMAI, Rita Zita. *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos: Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões postais, álbuns de família, ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. v. 3.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007.

VILCHES, Lorenzo. *La percepción de la foto de prensa*. In: VILCHES, Lorenzo. *Teoría de la imagen periodística*. 2. reimpr. Barcelona: Paidós, 1997.

ARTIGO ENVIADO EM: 30/11/2012  
ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 16/07/2013